

# A minha experiência missionária na Amazônia

*de Aparecida Severo da Silva<sup>1</sup>*

Bom Dia! Sou a Aparecida Severo da Silva, Leiga Consagrada desde 2000 pela Diocese de Santo André – SP. Venho aqui, para partilhar com vocês um pouco da minha vivência a serviço da missão na Prelazia de Tefé, estado do Amazonas. Antes de começar vou relatar de forma breve como surgiu minha vocação a serviço da missão. Desde a juventude, participo da comunidade comecei com grupos de jovens e após como catequista de Crisma e mais tarde catequese com adultos, Com isto, aos poucos foi despertando o desejo de ir ao encontro dos mais distantes e necessitados. Para isto procurava estar próxima de tudo que dizia respeito a missão. Meu primeiro contato concreto com a esta realidade, veio através de um encontro de formação da Infância Missionária em Curitiba no ano de 1989. Lá senti mais de perto toda a dinâmica da Igreja missionária e foi lá também que descobri a possibilidade de envio de leigos(as) para a missão. Acompanhava através das revistas missionárias, as notícias sobre os missionários (as) espalhados por diversas partes do mundo e do Brasil. Com o tempo, foi criado na minha Diocese, a Comissão Missionária Diocesana. Foi através dela que conheci o Projeto Missionário Sul 1 Norte 1 criado em 1994 pela CNBB, que enviava missionários para o estado do Amazonas. Este projeto solicitava missionários que ajudassem na formação de agentes de pastorais nos seminários, na formação dos leigos e na animação pastoral. O apelo era para atender às centenas e centenas de comunidades ribeirinhas e rurais onde a presença do padre acontece apenas duas ou três vezes ao ano. Entrei em contato com a equipe em busca de orientações, pois percebi que talvez poderia ter o perfil que aquela missão necessitava. Fui acolhida pela equipe formadora e após um período 4 anos de acompanhamento e formação, fui convidada a integrar-me ao grupo de missionários leigos que atuavam pelo Projeto no estado do Amazonas, mais precisamente na Prelazia de Tefé, situada na região Ocidental do Amazonas com um território de 266.269 km<sup>2</sup> (um pouco maior que o estado de São Paulo). Chegando lá, fui muito bem acolhida pelo bispo Dom Sérgio Eduardo Castriani, que nos aguardava com muita alegria. Brevemente Dom Sérgio, nos colocou a par de um pequeno pedaço da história daquela região. Vi tratar-se de um povo que bravamente e a muitos e muitos anos viviam em pleno coração da Amazônia. Já de imediato percebi que se tratava de uma Igreja com longa caminhada pastoral de muitas lutas conquistas, vitórias e porque não dizer algumas dores e cruces, por se tratar de um local de encontro de populações oprimidas. O povo da Prelazia está distribuído por 10 cidades e comunidades ribeirinhas ao longo de seus principais rios e afluentes: Solimões, Japurá, Juruá e Jutai. É um povo que vive principalmente da pesca, da

---

<sup>1</sup> Aparecida Severo da Silva (Cida), Consagrada a Deus a Serviço da Igreja desde junho de 2000. Trabalhou por 6 anos no Arquivo da Chancelaria da Diocese de Santo André. Fez curso Superior de Teologia para leigos (as) no Instituto de Teologia da Diocese de Santo André – 1995 – 1999. Na paróquia de origem seu trabalho sempre foi na formação de jovens e adultos. (Catequese). Na diocese sempre colaborou na animação missionária (GAM) na Infância e Adolescência Missionária e COMIDE. (Comissão Missionária Diocesana). Entrou para o projeto missionário Sul 1 Norte 1 em 1996. No ano de 2004 foi enviada em Missão por um período de 3 anos para a Prelazia de Tefé, estado do Amazonas. Atualmente exerce a função de coordenadora do Centro Cultural Missionário em Brasília.

agricultura e do comércio. A primeira cidade da Prelazia onde cheguei no primeiro momento, foi a cidade de Alvarães, para chegar até esta cidade, fizemos uma pequena viagem de canoa com motor chamada pelo povo de catraia ou voadeira, (por deslizar sobre as águas) de Tefé a Alvarães leva-se uma hora para a travessia. Nesta paróquia, fui recebida pela equipe de missionárias leigas que lá juntamente com um padre do projeto Sul 1 Norte 1, atuavam já a um bom período. A paróquia contava, além da matriz com duas comunidades na cidade e outras trinta e duas no interior. Ao aproximar-me do povo e agentes de pastoral, percebi, tratar-se de uma Igreja ministerial devido a escassez de padres, os leigos atuam em todos os âmbitos da comunidade. Apesar da enorme dificuldade por falta de uma adequada formação, devido a escassez de agentes multiplicadores, percebi que ali as pastorais já caminhavam com bastante força. Fui vendo que meu papel seria realmente de animação, formação e principalmente acolhida. Meu primeiro contato nesta cidade, foi com os jovens. Com eles muito mais aprendi pois a força e coragem de lutar por justiça e transmitir a outros jovens o amor de Cristo era muito evidente. Animando e apoiando diversas pastorais já existentes e procurando somar com todos, fiquei naquela paróquia por cinco meses. Após este período fui para a cidade de Uarini, que a naquela época já a mais de oito anos, estava sendo administrada pela equipe de leigos do projeto missionário Sul 1 Norte1. Nesta nova cidade, longe treze horas de barco de Tefé, percebi uma outra realidade, característica própria de toda a Prelazia são as diferenças existentes entre as comunidade, isto muitas vezes tornava-se nosso grande desafio pois se fazia necessário uma constante readaptação. A paróquia de Uarini possui cinqüenta e duas comunidades espalhadas ao longo dos rios. Realizei ai minha primeira visita as comunidades ribeirinhas, passei quase um mês morando dentro do barco visitando mais de vinte comunidades ao longo do Rio Solimões. Foram dias maravilhosos e cansativos. Ao longo destas viagens, precisamos estar sempre dispostos para o encontro com a comunidade seguinte. Isto cansava sem dúvida. Porém ao chegarmos as comunidades a alegria e acolhida do povo nos faziam esquecer o cansaço e via que éramos nós que precisávamos descansar a outros. Pois muitas vezes, deparávamos com catequistas muitas vezes desanimado e percebíamos que a missão naquele momento deveria ser de animo, força e coragem para aqueles agentes de pastorais que contam com tão pouco recursos para poder realizar seu trabalho de evangelização naqueles enormes beiradões. Vendo seus esforços, nossa fadiga ficava de lado. As crianças sempre alegres e acolhedoras viam nos receber com cantos. Também nestes momentos percebia o quanto o povo estava desejoso de ouvir a Palavra de Deus e receber a visita da Igreja na pessoa dos seus missionários(as). Nestes momentos de partilha e de contato com estes povos íamos ouvindo de seus lábios os inúmeros problemas que os afligem: falta de saneamento básico, de energia elétrica, de remédios, médicos, escolas, água potável, o alcoolismo e droga. Em nossas visitas, procurávamos motivá-los a lutar por mudanças Os apoiávamos em suas lutas pela preservação da natureza, principalmente dos lagos onde tiram seu principal alimento, o peixe. A Prelazia de Tefé na pessoa do bispo e dos agentes de pastorais e missionários (as), dá total apoio a essas lutas e também apóia a luta em defesas dos povos indígenas na defesa de suas terras, educação, saúde e subsistência e no resgate de sua cultura. Já existem organização das mulheres, dos pecadores e ultimamente dos catadores de resíduos sólidos. Cada viagem que realizava, ia percebendo que as grandes distâncias já não era o grande problema. Pois a comunicação era possível através dos barcos, da rádio da Prelazia e do desejo de nos encontrarmos como Igreja que sonha junto o sonho da vida nova e abundante. Percebi também que a Paróquia de Uarini onde estávamos era umas das mais próximas da sede (Tefé) há paróquias, onde a

distância é maior leva-se até 85 horas de barco para chegar até a sede Tefé, e que retornando (subindo) pode levar até mais. O que dificulta a evangelização na região são os altos custos dessas viagens e principalmente a escassez de missionários que queiram dar um pequeno tempo de suas vidas por estes irmãos e irmãs. A Prelazia de Tefé ainda não tem nenhum padre da própria região. A formação do futuro clero é exigente para a estrutura econômica da Prelazia, conta com poucos recursos e vive dependente de projetos vindos do exterior. Há naquela Igreja, uma grande mobilização de conscientização do valor e necessidade do Dizimo, porém este é um processo que está surgindo de forma lenta. Percebi que há muitas comunidades com pleno amadurecimento nesta questão de Dizimo porém o caminho ainda será longo para que se tornem independentes financeiramente. Há paróquias que passam meses e até anos, sem a presença do padre e por isso sem a Eucaristia. Vi jovens de quinze anos que nunca viu um padre. Mesmo assim a consciência de pertença à Igreja que estes povos possuem é mesmo de admirar. São leigos (as) que mesmo com seu pouco conhecimento, têm a coragem de tomar animadamente a direção de uma comunidade e levar adiante com espírito de unidade e comunhão com o bispo e todo o pequeno clero da região. Todos estes exemplos a cada momento me faziam perceber que valia a pena estar lá. Penso que os primeiros missionários que lá chegaram, foram verdadeiros heróis muito deram de suas vidas aqueles povos. Por fim o meu último ano de missão na Prelazia de Tefé, foi vivido na coordenação de pastoral que fica na cidade de Tefé (sede), um trabalho voltado para o atendimento às diversas pastorais a nível da Prelazia. Foi outro momento muito rico para a missão, pois tive o privilégio de conhecer a estrutura orgânica das pastorais e movimentos da Prelazia. Ao sentir que se aproximava o momento de despedir-me daquele povo que tão amorosamente me acolheu e do qual tanto aprendi e me ensinou a ser missionária, percebi o quanto foi bom ter estado com todos eles. A atividade final que ali realizei, foi participar e colaborar na grande assembléia das Comunidades Eclesiais de Base que contou com a participação de mais de setecentas pessoas. Neste momento de festa, memória e perspectivas, pude ver uma Igreja toda reunida em busca de saídas que possa torná-la cada vez mais forte e comprometida com o Reino de Deus. Até hoje o apelo feito a quase 13 anos, continua atual. A situação ainda não mudou muito, apesar de todos os esforços realizados. Há lugares naquela região que só acontece a celebração da Missa uma vez ao ano. O número de agentes de pastorais é limitado, as dificuldades financeiras ainda são grandes. O grito da Igreja do norte ainda ressoa em nossas Igrejas é preciso coragem para escutá-lo. É isto que tenho para partilhar. Concluo que realmente vale apenas traçar o caminho da missão. Sair, ir ao encontro, para que aconteça em nós o que pede o Documento de Aparecida, uma “conversão missionária” afim de sair de um Brasil dos batizados ao Brasil de discípulos missionários sem fronteiras”. Digamos todos juntos: Do Brasil dos batizados ao Brasil de discípulos missionários sem fronteiras”.

Aprendi nestes tempos em que estive na missão, que é preciso deixar nos questionar com as propostas vindas dos muitos apelos missionários. Continuemos a partir para a missão além fronteiras e Ad gentes. O exemplo vale muito mais que palavras. Refletir e meditar sobre missão muitas vezes poder ser até prazeroso. Mas enquanto não fizermos a experiência do “ ir” , continuaremos com muitas dificuldades em vivenciar toda a riqueza da dimensão missionária que nossa Igreja possui. O Documento de Aparecida lançou o desafio sobre a questão da “ conversão missionária” qual é a sua, a nossa resposta?

Creio que o primeiro passo é não ter medo e se entregar ao Projeto amoroso que Deus tem para cada um de nós. Sairmos de nós mesmo pra estar com nossos irmãos e irmãs nos fará

melhores. Agiremos mais de acordo com o que Jesus desejou de nossa ação pastoral. Não devemos nos preocupar se estamos preparados ou não. Aprendemos no caminho. Ele é o Bom Pastor que nos acompanhará pelas estrada do serviço. Devemos crer, que o Espírito nos faz aptos para qualquer boa obra. Saindo ao encontro, aprenderemos qual a melhor maneira para chegarmos a alegria do serviço. E após cumprir a missão, iremos alegres com as mãos em ofertas para depositar nas mãos do Pai toda a nossa ação missionária. O importante é estarmos abertos para o novo, para o diferente. Damos testemunho do nosso encontro pessoal com o Deus da Vida. E principalmente, saber aprender com o outro e especialmente com o mais simples e pequeno. Num esforço para respeitar e acolher a todos. Roguemos que Maria nossa Mãe interceda ao Filho para podermos realiza nossa missão ao qual Jesus nos chama. O Espírito Santo será nosso guia e defensor. Muita Paz a todos. Muito obrigada pela oportunidade da partilha. Até uma próxima.